

# Trabalho infantil é maior nas regiões mais ricas

Estudo da FGV mostra que necessidades de famílias pobres se unem às oportunidades de emprego nas áreas mais desenvolvidas

Cássia Almeida

— Minha mãe não gosta, mas tenho que trabalhar, senão vai morrer tudo de fome — declara X., de 12 anos, de baixo do sol no calçadão de Copacabana, com a caixa de engraxate debaixo do braço. Trabalha desde os dez anos, para ajudar a mãe e os cinco irmãos. Mora em Duque de Caxias e garante que está cursando a 4ª série do Ensino Fundamental. Fica até as sete da noite na rua, levando para casa cerca de R\$ 30 — quando não é assaltado por garotos maiores. Já vendeu bala e chiclete nos ônibus e circula por Copacabana e pela Central.

Essa dura realidade é detectada pelas pesquisas. Segundo estudo feito pelo economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), nas regiões metropolitanas mais ricas o índice de trabalho infantil é maior. Há mais crianças trabalhando proporcionalmente à população ocupada em São Paulo do que em Salvador, onde a renda per capita é menor.

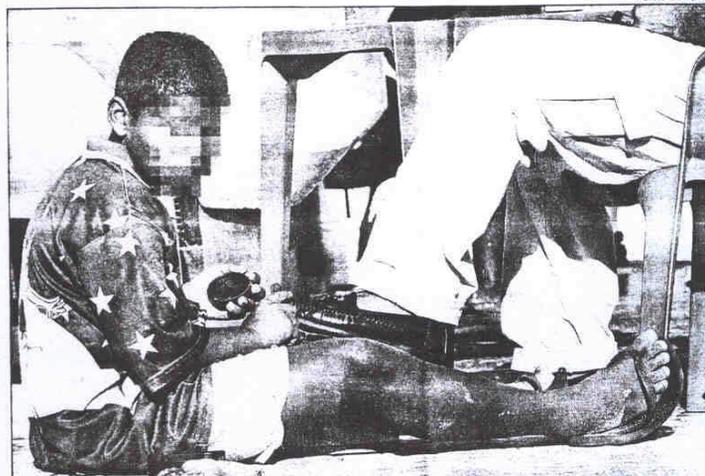
— Nas regiões mais ricas, une-se a necessidade com a oportunidade. Não basta uma família precisar de renda, mas que as suas crianças encontrem emprego. Assim, a economia abre espaço para o indesejável trabalho infantil.

São quase três milhões de crianças trabalhando no país. Pelos dados do Ministério do Trabalho, em 1999 havia em todo o estado de São Paulo 311.733 crianças de 5 a 15 anos trabalhando. Somente na região metropolitana da capital, 4,10% da população ocupada é de crianças nessa faixa etária. Em Belo Horizonte, a taxa também é alta: 4,28%. A região metropolitana do Rio registra a mais baixa taxa entre as regiões pesquisadas, com 2,33%.

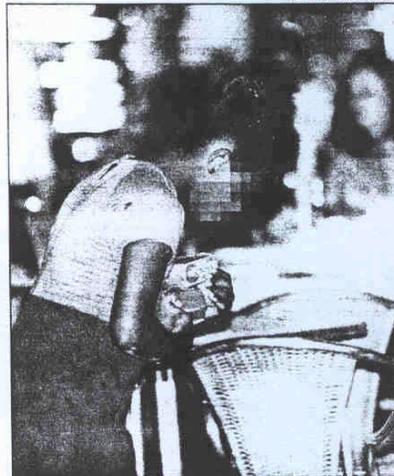
É ampla a legislação que protege a criança e o adolescente. Pela Constituição, pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, é proibido o trabalho para menores de 14 anos; e até os 16, só como aprendiz. Mas a realidade vai de encontro à letra fria da lei. Dados do próprio Ministério do Trabalho, com base na Pesquisa Nacional de Domicílios (Pnad) de 1999, mostram que há 2.908.341 crianças trabalhando no país: 375.376 de 5 a 9 anos e 2.532.965 de 10 a 14 anos.

Y., de 8 anos, é uma dessas crianças. Trabalha à noite, vendendo chocolates a turistas na Avenida Atlântica. Esconde o produto em bolsos plásticos e se enfia debaixo das mesas cada vez que o homem de camisa branca volta a olhar para sua direção. — Ele é o segurança. Eles não deixam a gente vender o aqui — explica. — Y. não aceita doações. Quer levar do chocolates logo, para poder voltar para casa mais rápido, no Caju.

## As várias faces da realidade nas ruas



● ENGRAXATE: Por R\$ 3, X., de 12 anos, engraxa sapatos na Avenida Atlântica, em Copacabana. Trabalha desde os 10 anos, vendendo balas nos ônibus. Costuma andar com dois amigos, da mesma idade, para evitar os assaltos



● NA NOITE: Z., de 9 anos, vende chicletes na noite, em Copacabana. Só volta para casa, no subúrbio, depois de conseguir R\$ 10



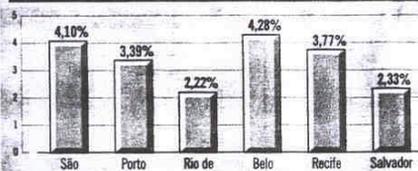
● EM FAMÍLIA: Vinicius, com a mãe e o irmão, trabalha carregando sacolas de compras no Morro da Coroa, no Catumbi. Chega a conseguir R\$ 30 aos sábados, trabalhando o dia inteiro



● NO SINAL: I., de 9 anos, vende chicletes no sinal. Ele tem três irmãos, sendo um bebê. Segundo o irmão de 19 anos, que o acompanha no trabalho, ele é um guerreiro

## A ocupação em números

O percentual de crianças trabalhando por região metropolitana\*



\* Média dos 12 meses em 1999, com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, em relação ao total da população ocupada

### Probabilidade de a criança começar a trabalhar a partir de 10 anos



■ Na Região Metropolitana do Rio, pelas estimativas do governo estadual, há 25.256 crianças até 14 anos trabalhando. Em 32, eram 4.092.580 de crianças trabalhando. Em 92, eram 4.092.580 de crianças trabalhando. Em 32, eram 4.092.580 de crianças trabalhando. Em 92, eram 4.092.580 de crianças trabalhando.

## Empresário infrator será processado

Projeto do governo prevê multas maiores e enquadramento criminal

● O Ministério do Trabalho vai enviar ao Congresso ainda neste trimestre um projeto que muda a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), tornando mais duras as multas para empresários que admitem crianças trabalhando. Segundo a secretária de Inspeção do Trabalho do ministério, Vera Olímpia Gonçalves, o objetivo é reformular as punições, não só nas multas, mas também enquadrando os infratores criminalmente. Vera diz que hoje os auditores fiscais do trabalho autuam a empresa e fazem um trabalho de orientação com a família: — Quando o fiscal verifica número significativo de crianças trabalhando, entra em contato com as secretarias municipais de ação social, para implementar o projeto bolsa-escola. No ano passado, o ministério gastou R\$ 182 milhões nas concessões dessas bolsas, atingindo 362 mil crianças das cerca de três milhões que estão trabalhando. No Rio, segundo a Secretaria estadual de Ação So-

cial, baseada em informações prestadas pela prefeitura, são 30.587 crianças no trabalho. Nos 14 municípios da região metropolitana, são 25.256 menores de 14 anos ocupados. Família com filhos na escola recebe até um salário no Rio A coordenadora da Comissão Estadual de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, Elizabeth Bezerra, diz que este ano o Rio terá R\$ 10,7 milhões do programa federal de jornada ampliada, sendo R\$ 7 milhões repassados pela União e o restante, pelo governo estadual. A família nas zonas urbanas recebe R\$ 40 por criança na escola e, na zona rural, R\$ 25. Para receber o dinheiro, a criança deve ficar o dia inteiro na escola. Elizabeth diz que, de manhã, a criança cumpre o currículo regular e, à tarde, faz atividades esportivas e culturais: — Pretendemos atender 12.703 crianças este ano. Além disso, pela Secretaria estadual de Educação, são atendidas mil famílias. Cada uma re-

cebe um salário-mínimo e deve manter as crianças de 7 a 14 anos na escola. Para entrar no programa, que hoje está limitado a essas mil famílias, a renda per capita não pode ser superior a meio mínimo. Ivonete da Silva Olegário, de 35 anos, mãe de quatro filhos, é uma das beneficiadas pelo programa. Os R\$ 151 que recebe do governo são a única renda da família. O marido está desempregado e Ivonete tem doença renal e não pode trabalhar. Os filhos ajudam. Vinicius, de 10 anos, que está na 4ª série do Ensino Fundamental, carrega sacolas de compras no Morro da Coroa (Catumbi), onde mora. Nos sábados, consegue até R\$ 30: — Trabalho o dia todo. Não tem que ter vergonha de trabalhar. A irmã Lidiane, de 16 anos, cuida da casa e dos irmãos desde os 10 anos. Ela está concluindo o Ensino Fundamental: — Antes, trabalhava o dia todo e ela cuidava da casa. Agora que estou doente, ela ajuda mais ainda — afirma Ivonete. ■